## FANTOCHES



#### Rocha Martins

### N.º 6

# FANTOCHES

Notas semanaes sobre os acontecimentos políticos

### 26 de Março de 1914

#### SUMMARIO

Os ferro viarios no comicio — A primeira cilada republicana—Onde se evoca um combatente — O Yacht Amelia e a Internacional.

O caso do Gymnasio—A "forniga" renasce—A casaga ante o senado—uma penteadella necessaria.

O CASO CALMETTE — O SR. AFFONSO COSTA E AS CARTAS PARTI-CULARES — A FALTA D'UMA MADAME CALLAUX.

Director e Editor ROCHA MARTINS
Propriedade da empreza dos Fantoches

ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E DEPOSITO LIVRARIA VENTURA ABRANTES

"Rua do Alecrim, 80 e 82 — Lisboa

Composto e impresso na Imprensa Progresso

Calçada S. Francisco, 23, Lisboa

Ha dias no comicio dos ferroviarios disseram-se duas verdades profundas. A primeira foi quando alguem fallou em sabotage e voz cheia de razão d'um operario bradou: — E quando para se proclamar a republica destruimos as linhas não houve sabotage?!

Sem isso teriam chegado a tempo a Lisboa reforços e a esta hora o sr. Affonso Costa talvez estivesse em Angra do Heroismo em vez d'enviar para lá os outros tendo em troca a sua an-

tiga popularidade augmentada pelo martyrio.

A segunda verdade sahida da boca do povo foi de que republica ou monarchia se equivalem desde que o trabalhador não tem pão na sua arca, azeite na sua copa para fabricar a açorda com que alimenta os filhos.

E' assim mesmo. A revolta ruge e ninguem a quer escutar, move-se já na sombra dos bairros miseraveis e nos casebres dos camponios. Em Portugal mais do que em qualquer outro paiz ha uma razão fundamental para essas reclamações.

Os homens que hoje bradam são os crédores dos que os ensinaram a rebellar-se contra tudo e á sua custa se alçaram ao poder, dos que lhes fallavam d'uma esperança e lhes deram essa triste realidade d'hoje depois de os terem mettido nos carceres.

Que paginas de lucto já existem na historia da republica e como insultaram ainda os seus ingenuos collaboradores.

Um senador, o sr. José de Padua, já perguntou, ha mezes no Senado, se não haveria no movimento grévista dos electricos uma especulação reaccionaria, e nós, diante de semelhante interrogação, acabamos por evocar ainda, como sempre, essa miseria da

republica e a que chamamos a noite da cilada.

Foi em 31 de Janeiro, no anniversario da primeira revolução republicana fracassada; houvera a gréve d'Evora, um clamor de ruraes, abafado violentamente e o governo, depois de decidir inteirar-se dos factos, aguardar a resposta da commissão de inquerito, assim como os operarios reunidos na Casa Syndical, mobilisou as suas forças, suspendeu as garantias e sob a chuvinha miuda da noite fez a cilada.

Os operarios estavam reunidos; havia entre elles algumas mulheres, por aquella rua do Seculo, só as luzes da agremiação e do jornal batiam nas pedras molhadas. Os primeiros soldados, que chegaram, apagaram os candieiros da illuminação. Desmanchavam alvos e sem querer symbolisavam os mandantes que preferem a tréva para manobrar. Na monarchia como na Republica a treva na escola; a treva na officina e na sociedadê. Rolava a artilharia, soavam os passos da soldadesca, ouviam se vozes de commando, sahindo de dentro das gollas dos capotes dos officiaes. O exercito, quêdo diante da revolução republicana, movia-se agora. Renascia uma casta; julgavam os militares que assim se desforravam de não terem, a tempo, na madrugada de outubro, decidido combater ou apear a Republica. Aquillo estava alli para a violencia. Dizia-se que na Casa Syndical havia bombas, explosivos, machinas infernaes, pois levava-se a artilharia; espalhava-se que estavam a soldo dos monarchicos esses trabalhadores, pois movia-se a tropa. A accusação fez-se; o governo suspendeu as garantias. Como, n'este momento, é triste a recapitulação!

E emquanto a soldadesca cercava o largo, as baterias se punham em posição e os officiaes conferenciavam, lá em cima, na associação, o rebanho humano olhava, pasmado, aquelles preparativos, e eu, sem querer, n'um salto de memoria, recordei alguem que lá devia estar com os labios franzidos na prega de um sorriso amargo.

E' que jámais esqueço essa figura symbolica do povo. Evo-

co-a sempre como um dos martyres da propaganda revolucionaria.

Na manhã da proclamação da Republica, um operario de Alcantara, segurando ainda a sua espingarda, tonto de canceira e de entusiasmo, fôra comigo n'um vehiculo da administração militar, Aterro fóra, e ao solanvancar d'aquella carroça — a providencia para o cansaço da agitação d'elle e da minha curiosidade, que me separara do bairro, desde o inicio da revolta, para

a ir ver — dissera-me do seu papel de combatente:

«A Republica era uma aurora para o proletario. Acabara-se, emfim, a excepção. No Poder estavam homens que, no tempo da propaganda, tinham declarado iriam mais além, logo que se desse a victoria. E—eu devia sabel-o—o mais alem era o socialismo, o attenuamento da miseria do trabalhador, as medidas economicas, relativas á sua existencia, as medidas políticas para a sua alimentação e para os seus direitos. Seria a reforma, a pão, a egualdade. Por isso, elle se filiára na carbonaria, á beira do caes, em certa noite, annos antes, por isso pegára n'aquella espingarda e disparára, de olhos accesos de esperança. O operario batia na Mauser e accrescentava:

«Vou pendural a em casa . . . Estará alli para atacar os inimigos do povo . . . » e resmungou uma maldição para os monar-

chicos.

Ouvia-o e como o conhecia bem disse-lhe que era um sonhador. A Republica não podia realisar isso. Era um regimen burguez como a monarchia. Os grandes da Republica, á medida que fossem enriquecendo, seriam os naturaes ínimigos dos pobres; quanto mais o capital fosse adherindo á instituição menos os proletarios seriam attendidos. Quantas revoluções ainda para o seu sonho ser uma vaga realidade!

Olhava-me espavorido e desconfiado. Quando nos despedimos, elle, com a sua mão na minha, já rodeado de amigos que

o saudavam, disse quasi n'um desafio;

«Pois cá fica a arma... Será para os inimigos do povo».

«Guarde-a... Talvez precise, em breve d'ella contra os que julga amigos eternos do trabalhador».

D'ahi a uns dias, encontrei-o, á sahida do gabinete de Theophilo Braga. Agarrou-me nm braço e exclamou, triumphante, a envolver-me, a acarinhar-me mas muito senhor de si:

«Vê... Já decretaram o direito á greve?! Eu não repliquei. Dissera-lhe já como a Republica era n'esse momento o que elles amavam mas como era incompleta ainda por toda a terra, como seria uma tyrannia em Portugal. Era necessario modifical-a ou abandonal-a. Julgo que lhe fallei no 1793 do trabalho contra o capital.

«Pois sim... Cá temos o direito á gréve, dizia radiante».

Era n'essa figura energica e ingenua que eu pensava quando n'aquella manhã de 31 de janeiro, sob os esgarrões d'agua, elles passaram da associação para o amago das fileiras da soldadesca. Tinham-n'os intimado a descer ou a serem metralhados. Começaram lentamente a sua entrega. Primeiro os chefes, depois os outros. As mulheres iam ao acaso. Mãos brutaes de guardas e policiaes revolviam-n'as; palavrões de caserna soavam. Então como um protesto, ergueu-se ao lusco fusco da manhã um cantico. Era a *Internacional* que sahia d'aquelles labios tristes de desilludidos. Cantavam-n'a n'um clamor plangenle em que fallavam das suas dôres. Não mais Deus, não mais rei, não mais tribuno. Só o trabalhador luctando por si. Outra esperanca que renascia

Os soldados ouviam-n'os sem os entenderem e a fileira passava de cabeça alta atirando á rua negra, ao céu d'onde a agua cahia a alagar a sua miseria e o seu ludibrio, o cantico dos revoltados n'essa madrugada em que as bandeiras molhadas se enrolavam nas hastes como indispostas com os homens da Republica não querendo ser balsões de festa na hora em que as deshonrayam.

Nem Deus, nem rei, nem tribuno.

Iam de fronte erguida metter-se entre bayonetas. E á porta, alguns officiaes occultavam se mais na gola dos capotes. Pareciam esconder as faces para que os seus cumplices de hontem, aquelles trabalhadores, seus collaboradores na revolução e que um ou outro até alliciara os não vissem e os não condemnas-sem. Rebeldes de hontem deshonestavam hoje a rebeldia, commandando baterias contra o povo que destruira o throno. Não queria por sua vez ceder?

Pois metralhava-se.

Nunca è demais repetir este episodio de deshonra, esse golpe d'estado da republica contra o povo, esse dia infame como o 2 de Dezembro em que um democrata se arvora em Cesar. Aqui eram os dynamitistas de hontem feitos os juizes de hoje.

Foi pois o operario da manha cheia de luz de 5 de Outubro

que eu evoquei na madrugada de 31 de janeiro.

Tudo aquillo se poz em em marcha para o Arsenal; lá foi para os porões dos navios no solavancos do Tejo agitado, emquanto os homens dos electricos que tinham sido obrigados a parar os carros — os punham em marcha, sorrindo aos artilheiros que estavam no Terreiro do Paço e apontando com jubilo os navios-prisões para onde tinham levado os outros.

Mais do que nunca sobre os grévistas recahia a fama de terem recebido dinheiro dos monarchicos. Com o decorrer do tempo um ministro sequinho e desorientado o sr. Augusto de Vasconcellos, o mesmo que accusara, foi obrigado a desmentir-se, como o outro o enxudioso sr. Estevão de Vasconcellos, antigo medico em Alcantara e que se intitulava mais socialista do que republicano quando a sua oratoria banal resoava das taboas dos comicios para os ouvidos dos trabalhadores.

A Lisboa jacobina e capitalista, muitos proletarios, até, folgaram com a prisão daquelles homens e eu — lembrando-me sempre desta fatalidade dos interesses que une ou afasta os individuos — imaginava o dia em que se arrependeriam — sobretudo os trabalhadores — daqueles applausos ao governo que gerara a noite da cilada.

Deve já ter succedido isto aos varios grevistas, os que apon-

tavam, rindo os barcos de guerra tornados carceres.

Isso um dia pesar-lhes-ha como um remorso e todos se unirão no mesmo grito diante da mentira d'esses homens que para ahi governam.

O que aquillo foi! A tragica noite da cilada!

Até o "yacth" real, o antigo "D. Amelia", chamado agora "5 de Outubro", recolheu rebeldes. Era uma singular ironia do destino. O barco da realeza, tornado numa prisão de operarios que o tinham entregado á Republica com a força dos seus braços, das suas opiniões e dos seus tiros.

Se é certo que no fundo das coisas vive sempre o passado dellas como as sombras que povoaram áquelle barco deviam

ter estranhado os habitantes que lhe deram!

O "D. Amelia" fora sempre o salão ambulante das festas regias, a "garçoniére" fluctuante de um rei artista e gozador que entre sorrisos de lindas bocas, dizia bellas phrases, bebia champagne e tocava o piano; fora o navio onde as mais bellas mulheres tinham ouvido dos labios do rei madrigaes e ironias e sobre cuja tolda ao som da musica das pianolas, pésinhos calçados de setim tinham bailado num alegre foliar. Só musicas alegres elle ouvira com as cançonetas de Yvete saidas do gramophone. Agora do fundo dos seus porões vinha tambem o éco de um hymno e por vezes o "refrain" de um cantico; o da *In*ternacional, que os presos cantavam.

Foi a primeira musica triste a bordo do Amelia. Na viagem para Gibraltar não houve decerto quem mettesse no gramofone um disco, receando ouvir uma vosita d'actriz a manchar aquelle

infortunio de uma familia real.

Era a primeira canção triste:

Nem Deus, nem rei, nem tribuno.

E imaginava-se n'essa madrugada chuvosa seguida á noite da cilada, que era o homem tão accusado por elles, que era João Franco quem detinha o poder. Não. Era a Republica, cujas bandeiras enroladas pela chuva pareciam não querer cumplicidade

n'aquelle crime.

Quando d'ahi ha tempos os operarios sahiram do forte de Sacavem, veio a confissão publica de que não tinham cumplicidades com a reacção. O meu amigo, o trabalhador de Alcantara, appareceu-me pallido e de barba crescida remoendo coleras. Estivera preso; levara a vida do forte com a Republica, exactamente como com a monarchia.

— E a arma e a Mauser?!...

Tinha razão... Como nos accusaram!... Oh! como são os homens?...

Foi tudo isto que eu recordei ao ler o extracto do comicio dos ferro-viarios que se realisou ha dois domingos.

Sim. Como são os homens!...

Jámais esses e os outros farão côro com os grandes contra os companheiros porque a seu respeito tambem um senador perguntará se não estarão feitos com a reacção.

Não. Eu o digo ao senado e ao paiz á rua e ao chefe do estado.

O que succede é o mal do seculo; é o inicio de um talvez distante 1793 do capital. Em Portugal é mais do que isso é a defesa, é matar para não morrer n'um direito que vem d'um velho incitamento de propaganda republicana.

A reacção não póde gerar isso e perguntal-o é imaginar que

as avalanches se fazem com sorvetes.

Se houvesse algumas duvidas ácerca da falta de tolerancia d'um excitado bando que tomou á sua conta o que chama a defeza da republica o caso dos tiros disparados á porta do Gymnasio viria comproval-a.

Sempre que os monarchicos se juntam seja n'um banquete, n'uma associação, á porta d'uma egreja, no theatro um grupo, composto sempre pela mesma gente, vae provocal-os. Addiciona-se-lhe o vadio que toma parte em todas as manifestações o arruaceiro de profissão e d'este modo Lisboa de quando em quando é sobresaltada e os jacobinos dizem que o povo da capital mostrou mais uma vez o seu odio á reacção.

Ora todos sabem que nem esse grupo é o povo nem os monarchicos representam presentemente a reacção no que ella tem

de odioso para o povo.

O povo é aquelle que se ergue cedo e vae para o seu trabalho com o farnel pensando na mulher e nos filhos que deixa em casa emquanto elle vae comprar com o seu suor o pão para o seu lar.

E' como a ave que vae, mal o sol se mostra a raiar o oriente, buscar o aconchego do seu ninho e o alimento para os passaritos no sulco dos arados ou no meio das searas louras. O povo é o que lucta, é o que vae á officina e ao campo, uma legião que deixa passar as enxurradas dos políticos e só as detem quando começa a escassear na sua casa o pão ou a sentir que lhe peiam a liberdade.

O povo não faz motins, faz revoluções; não vae aggredir mulheres e creanças salva-as; o povo não é o carrasco dos vencidos é o seu amigo; o povo é sempre nos tribunaes, nas ruas, nos parlamentos pelos que são mais fracos contra os mais fortes; o povo não se põe jámais ao serviço de espionagem e da

delação defende o que ama mas a peito descoberto.

Por isso quem atacou o theatro do Gymnasio não foi o povo mas sim um bando de desordeiros aos quaes a republica não póde confiar a sua defeza sem o risco de se parecer com uma abandonada a quem não é um exercito, uma justica, uma poli-

cia que a guarda mas sim uma purria.

A culpa d'esses excessos de zelo do grupo arruaceiro é apenas do ex-governador civil de Lisboa e do seu partido, os socios fundadores da celebre sociedade da formiga branca. A chegada ao poder do gabinete Bernardino Machado, esse calmante de

curta duração e sobretudo a lucta violenta contra aquella aggremiação nascida da consciencia collectiva, demonstrava a necessidade absoluta de pôr um termo ao predominio de uma centena de alliciados sem moral na capital da republica.

Esses homens tinham porêm exercido influencia, aquella que é a peor de todas, a que a auctoridade constituida dá ao primeiro arruaceiro de má vida e não se resignam facilmente a perder esse poderio que hontem os fazia temidos e hoje os desclassifica

para a sua horda.

Elles prendiam pacificos cidadãos, apprehendiam armas, batiam em generaes, capturavam militares d'altas graduações, mettiam-se em complots que logo iam denunciar, fabricavam elles mesmo peças de processos e arranjavam corpos de delicto tudo isto por ordem ou á Sombra do poder central. Ergueu-se assim com velocidade e em bases fundas um nucleo. Nasceram d'elle muitas prisões injustas e muitos espancamentos como surgiram complots entre os quaes se póde filiar o da Praia das Maçãs.

Não é facilmente que um homem se resigne a deixar de ser auctoridade para se tornar n'uma presa da policia legal. D'ahi

um odio a referver e uma vingança a tirar,

Por detraz d'esse grupo, pallidos pela derrota de uns dias, os amos, os mandatarios, os que foram apeados embora transitoriamente, pretendem, com esse grande fundo bem humano de gerar razão para as infamias, mostrar como a sua organisação, a policia a seu soldo, era necessaria e ao mesmo tempo mais alto, na politica já, alguem ha de querer provar como foi um erro a amnistia.

E então que fazer?! Arranjar que os amnistiados deem que fallar de si. Como?! Provocando-os. Os agentes são bons, os meios os mesmos de sempre e d'ahi a origem do caso de Loures, onde é necessario mostrar como é imprescindivel certo administrador de concelho e do caso do Gymnasio repetido este anno com menos felicidade que no anterior.

Os monarchicos então não tiveram a intervir a policia nem a lei.

Isso fel-os descrer d'ella. O que faz um cidadão descrente da justiça? O mesmo que se fosse atravessar o sertão. Arma-se. E' atacado, defende-se para não lhe succeder ser a victima comica d'um bando descathegorisado.

Desde que a republica garanta a livre expansão do pensamento os rewolvers mettem-se no fundo das gavetas como cousas inuteis.

E' certo que depois os jornaes jacobinos não poderão dizer dos ataques do pseudo povo á pseudo reacção porque como já dissemos os monarchicos d'hoje - pelo menos os grupos intelligentes - não acreditam mais na intangibilidade do confessor nem imaginam governar um dia com as forcas erguidas ás esquinas. Não arvoram esse amor do extremo-pelo menos o tecm expressado nas suas opiniões atravez dos jornaes - e mesmo a maioria ingressaria na republica se ella não fosse o que lhe attribuem a elles: reaccionaria.

Sim que arvorar a Liberdade e não deixar meia duzia d'individuos jantar n'um restaurant, a Egualdade e antepôr ás sagradas palavras da lei o arbitrio de um punhado de desordeiros, a Fraternidade e vêr os apaniguados, alguns com os seus dorsos de camellos e as suas orelhas de burros, decretando, mandando, impando de dinheiro e de filaucia emquanto as aptidões são escorraçadas é mais do que reacção, Chama-se burla,

O caso do Gymnasio teve, porem, como tudo n'este paiz o seu echo comico. Foi um grito palhacesco no meio do tumulto, uma casaca derrabada na fuga, um attacante deslombado pedindo misericordia?! Não. O echo comico do theatro do Gymnasio não foi á sua porta tampouco no seu palco onde a tradicção da farça ainda vive com o nome o de Taborda, Não foi, porem, alli. Esse echo - o leitor portuguez não vae pasmar - veiu do parlamento.

Não sabemos se no Senado inicial da velha Roma se arranjavam ao acaso para parturientes de leis os homens mesmo da mais escassa ignerancia ou da mais acanhada intelligencia só porque tinham vindo do ventre da loba ama de Romulo. Em Portugal isso fez-se atirando para o Senado uma majoria de individuos só porque pagavam quota n'um centro republicano e eram os pimpolhos da Idea. Sem esse gesto não se dariam os episodios grotescos em que uns comparam as colonias a maçãs d'escaravelhos e outros encontram vestigios dos arabes nas capellas imperfeitas da Batalha, á mistura com tantas cousas semelhantes que já encheriam bastas paginas d'um livro que se poderia intitular: «O Senado Comico».

Foi pois d'ahi que o caso rebentou fazendo gelar de vergonha alguns senadores e desgelar no seu marmore as estatuas dos ve-

lhos parlamentares que riram á gargalhada.

O senador, o medico sr. Affonso de Lemos, tambem cahiu como um patito, segundo a sua parlamentar linguagem, na recita do Gymnasio e viu logo d'entrada casacas, smokings e algumas thalassinhas bonitas. O seu olho arguto descobriu n'aquillo alguma cousa de singular.

Casacas, smokings, mulheres bonitas?!...

Para a visão republicana d'aquelle medico feito senador a forma porque os monarchicos procederam, isto é vestindo trajos de gala e fazendo-se acompanhar por lindas senhoras, constituio a provocação aos republicanos.

Vemos d'aqui a toillete com que o senador foi ao theatro: tan-

ga com um canudo de settas a tiracollo.

Ha pouco era um ministro dos estrangeiros, o sr. Macieira, que dizia todo cheio d'orgulho a um jornalista ter sido convidado em França para jantar n'um ministerio onde lhe tinham dado o logar d'honra. O homem imaginava que o mandariam simplesmente para a cosinha; agora é um senador que vê na casaca uma provocação, nas mulheres bonitas a sedição.

De forma que quando o sr. dr. Manuel d'Arriaga convida para a sua mesa o corpo diplomatico e veste a sua casaca, quando dá simplesmente de jantar a um amigo ou vae a um concerto o

chefe do estado está provocando os republicanos.

Não sabemos se o senador em questão leva, como o cidadão Agenais, o seu republicanismo a ponto d'andar de pernas nuas e de camisola desabotoada deixando vêr o peito pelludo sob a correia larga do sabre usado a tiracollo ese como elle se chrismou. Agenais, o symbolo jacobino de 1793, vestiu assim e passou a chamar-se Bruto Agenais repudiando o christão nome de José. Naturalmente o sr. dr. Affonso de Lemos não recebe assim os seus clientes e não vimos — Só se elle em espirito o adoptou — aquelle nome na taboleta do seu consultorio.

Acreditamos até — isto seria um cumulo — mas acreditamol-o que tambem já vestiu uma casaca. Foi talvez por isso que comprehendeu d'uma vez para sempre que ella constituia uma pro-

vocação ao jaquetão dos seus correligionarios.

Por isso o sr. Chagas desde pequeno sonhava com a legação de Paris onde livre dos jacobinos podia vestir-se do Amieiro. Aqui — pobre Brumuel da democracia — não passaria nunca d'um provocador.

Emquanto a uns lindos olhos de mulher ou a um sorriso que illumina toda uma sala, a um busto elegante, a uma cintura fina constituirem elementos sediciosos isso só se comprehende quando esses olhos e esses sorrisos, não nos veem e não se nos dirigem e quando esses bustos esbeltos surgem erectos como os das estatuas diante da nossa vista deslumbrada.

Foi porque usavam rendas finas e tinham a belleza d'uma raça que pereceram no cadafalso algumas das mais lindas mulheres de França. Foi mais por isso, pelo baixo sentimento de despeito dos jacobinos, que por usarem os seus brilhantes nomes e virem dos seculos recuados cheias de tradicção que as formosas cabecas cahiram.

Aquellas mulheres assim paramentadas, distinctas, magestosas, eram para as almas banaes da turba e dos seus dirigentes como flores raras para uma tribu de caraïbas; eram no seu orgulho natural aquillo que elles podiam matar mas nunca do-

mar.

Por isso ellas eram a sedição.

Por isso tambem do fundo do coração a mulher odiou essa republica que se lambuzava de sangue e andava descalça; por isso foi necessario que um soldado fizesse d'essa mulher - da Republica — uma senhora, ao pôr-lhe na cabeça, onde ageitou os cabellos ruivos como os da Eva selvagem, uma corôa imperial.

Tambem depois quando lh'a tiraram ella soube mostrar com elegancia e graça todos os diademas que lhe deram e até o barretes phrygio que ainda hoje usa com o sorrisinho coquette e o ar magestoso de quem é servida por homens de casaca embora sahidos do povo.

Sem isso ella a esta hora seria talvez uma marafona poderosa, uma especie de rainha Ginga, boa para o sertão, impossível

na Europa.

Em Portugal é necessario tambem dar-lhe uma penteadella.

A morte do jornalista Gastão Calmette fez tanto ruido em Portugal como em França e as discussões surgiram por vezes violentas ácerca do procedimento do director do Figaro ao servir-se d'uma carta particular e acerca do acto tresloucado de madame Caillaux.

Ella, esposa do ministro das finanças ao vér atacado o marido, com os nervos exacerbados, a alma em pena perante as injurias pretendeu dar uma licção ao jornalista. Não tinha a intenção de o matar mas o destino assim o quiz e agora na Pistole de Saint Lazare a formosa mulher, a alta dama que Paris conhece está prisioneira esperando o julgamento, o fim que não sabe se será ainda uma colonia longiqua ou um canto da provincia onde ao ser absolvida desappareça com o marido perdido para a política.

Mas podia Gastão Calmette servir-se d'essa carta?! Tinha elle o direito d'ir dar ao seu publico a nota da vida intima de duas creaturas?!

O jornalismo tem de ser como um corpo d'exercito onde certas armas são prohibidas e desde que ellas se empregam tudo é legitimo para as anniquilar. Ha processos que são como as balas dundun. O abuso das cartas particulares pertence a esses meios assim como as insinuações perfidas, as secções onde a calumnia vive com seus transparentes a deixar entrever os personagens que se alvejam.

Tambem em Portugal o sr. Affonso Costa se serviu um dia de cartas particulares no Parlamento para attingir o commandante do yacth real Amelia e por detraz d'elle o rei. Não houve um escrupulo nem no processo de obter essas cartas nem na forma de as apresentar. Tambem em Portugal um jornal a que o mesmo estadista dá a sua inteira confiança teve durante annos uma secção intitulada Diz-se onde os velhos processos pasquinarios se usaram.

Era a honra das familias assoalhada, as mais refalsadas calumnias sobre o que succedia no paço; era a miseria moral tornada em arma de combate diante do que buscavam chamar a acção política.

Essas cartas publicadas e lidas no Parlamento póde dizer-se que com tanto arrojo que mesmo o sr. Affonso Costa as attribuia a pessoa de nome identico ao do verdadeiro signatario, e essa secção onde tudo cahiu desde as infamlas que ha dias diante do Gymnasio os da formiga branca exteriorisaram atirando-as a toda a gente da alta sociedade constituiram durante muito tempo um processo parlamentar e um meio jornalistico que só pessoas pouco escrupolosas podiam pôr em pratica.

Pois agora esse mesmo jornal diante do caso Calmette vem com o ar

indignado de quem esqueceu o passado ao ser coripheu do governo republicano declarar impudicamente o seguinte que é como uma censura a si proprio, aos seus velhos processos e habitos, ás balas dundun da sua guerra:

«Essa imprensa não discute principios, não argumenta com factos. Inventa, deturpa, calumnia, não se limitando a occupar-se da vida publica dos políticos, porque se occupa tambem de sua vida intima para a malsinar, para a calumniar, para a envenenar. Para ella não ha nada de sagrado nem de respeitavel. Nada. Em Portugal, existe esse escalracho, com varias modalidades. E até jú, infelizmente, os seus processos chegaram ao parlamento, porque tem-se visto terem repercussão no Senado infames calumnias vomitadas em lettra redonda. O Partido Republicano tem sido, se não a sua victima, o seu principal alvo. Contra elle e contra os seus homens teem-se empregado os mais vis processos de difamação. Mas, felizmente, em Portugal mercê de consciencia e de intelligencia do publico, esse escalracho não causa grandes prejuisos. Em Portugal, os calumniadores de profissão não conseguem ouvir-se, e conseguem apenas tornar-se cada vez mais despreziveis».

Não sabemos se elles não conseguem ser ouvidos, apenas verificamos a enorme differença que existe entre o nervosismo d'essa mulher franceza que vae vingar bravamente o marido e a apatia da "sociedade portugueza diante d'aquellas cartas atiradas ao publico e d'aquellas insinuações diariamente cuspidas sobre reputações.

Nunca uma só pessoa fez um gesto para ir calar esse processo ignobil de fazer politica. Não houve um homem disposto a tudo que calasse essas vozes quanto mais uma mulher que vingasse a sua honra assoalhada.

E' que esses actos pertencem a certas naturezas melindrosas e impressionaveis para quem o que se lhes refere atirado com sarcasmo ou com essa nota calumniosa é o pensamento dominante dia a dia, hora a hora.

Não se póde conciliar o somno sem que no sonho mesmo essas cousas appareçam deformadas, á hora da comida a idéa do que espalharam mette-se entre o nosso prato e a nossa bocca, uma palavra que nada tem com o caso vem fazer-nos por vezes estremecer e assim a todos os instantes, diante de toda a gente, perante todas as cousas.

Então logicamente vem a idéa do combate. E' humano, é legitimo. O ser exacerbado esqueceu a civilisação e naturalmente o pensamento dominante impulsiona. Os tiros que mataram Calmette tiveram assim o seu inicio.

Em Portugal houve sempre pouco nervosismo e pouca consciencia.

O acto de madame Caillaux não é o crime meditado a sangue frio como por exemplo um complot e que depois chamam acto político, para assassinar alguem na praça publica, é antes o resultado d'um exacerbamento diario e de todas as horas, a idéa de que um jornal com milhões de leitores como é o Figaro vae por todo o mundo como um insultador universal a dizer aquillo que não tem o direito de proclamar. A voz de madame Caillaux erouqueceria a defender-se; seria pequenina para se ouvir, não chegariam onde vão essas folhas de papel impressas com o seu ar aceado de stereotypia, com os seus nomes de principes e de gentlemans n'uma columna do lado como a metterem ainda a carta mais pelo amago da sociedade, e então.

Então o tiro que madame Caillaux disparou foi uma resposta que se ouviu no mundo.

Que o exemplo sirva... Em Portugal costuma-se parodiar tanto a França!...



Romance d'actualidade

Rocha Martins

É posto brevemente á venda

Os FANTOCHES sahirão correntemente às quintas-feiras.